

A COLÔNIA POMERANA NO ESPÍRITO SANTO: A MANUTENÇÃO DE IDENTIDADES E TRADIÇÕES

Dinoráh Lopes Rubim Almeida, UFES¹

Resumo: Basicamente a partir da segunda metade do século XIX, levas de imigrantes estrangeiros aportaram em solo espiritossantense, e a presença destes imigrantes colaborou significativamente para o desenvolvimento do Estado. O presente trabalho apresenta as características da imigração de origem Pomerana (sendo registrado o ano de 1859, como a data da chegada dos primeiros pomeranos à então Província do Espírito Santo), objetivando destacar sua colaboração social, econômica e cultural na formação da identidade capixaba. Como metodologia de pesquisa serão utilizadas análises bibliográficas e relatos orais, visando traçar a trajetória histórica da motivação à imigração e a formação da Colônia Pomerana no Espírito Santo, bem como, a preservação de suas tradições e a identidade fortemente representada através da manutenção da língua e da cultura entre os descendentes de pomeranos em solo capixaba.

Palavras-chave: Espírito Santo; Imigração; Memória; Pomeranos.

Estudo sobre imigração: identidade e memória

A política imigrantista do governo imperial no princípio do século XIX tinha como objetivo mais amplo, promover o povoamento do país. No entanto, a medida em que a instituição escravista começou a sofrer ameaças, vai se tornando cada vez mais patente a íntima correlação entre o movimento imigrantista e a necessidade de substituição do braço escravo.

De acordo com Patarra (2012), a constituição e reforço do “mito” do Brasil como um país de imigração remonta a trajetória da imigração no país, principalmente no período que vai de 1890 a 1930, período que configura a composição da população brasileira dos períodos subsequentes e forja as práticas de assimilação de um lado, e discriminação de outro.

Tal trajetória de imigração no Brasil pode ser assim dividida: as primeiras décadas do século XIX se caracteriza com a vinda de imigrantes europeus (Sul e Sudeste do país), que se tornam pequeno proprietário ou trabalhadores das lavouras de café. O período de imigração em grande escala da Europa para a América, em especial, para o Brasil ocorreu entre os anos de 1870 e 1930. Em fins do ano de 1930 são publicadas as primeiras medidas restritivas à entrada de imigrantes internacionais.

Segundo Rocha (2000), entre os fatores que favoreceram a Imigração no Espírito Santo, podem ser citados: grandes porções de terra inteiramente desertas, já que até fins da década de 1850 o Espírito Santo era povoado somente numa estreita faixa estendida ao longo do mar, sendo que nessa época começa um tímido povoamento de algumas regiões interioranas como em Cachoeiro e Alegre (município de Itapemirim) que começa a receber contingentes de fazendeiros mineiros e fluminenses atraídos pela cultura cafeeira em terras capixabas; havia baixa densidade populacional; A partir da década de 1850 é enfatizada a decadência do açúcar e o crescimento do café; a imigração pela pequena propriedade encontra terreno fértil para sua implantação.

¹ Doutoranda do Curso da Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), Campus de Alegre. E-mail: dinorahrubim@yahoo.com.br

Tratar da imigração nos leva a estudar a identidade, a cultura e a história política e econômica dos povos que saíram de suas terras e buscaram abrigo nas terras brasileiras, para que possamos entender as motivações da imigração e a influência de sua cultura em nosso meio. Para tanto, recorreremos a teoria histórica do estudo da memória, buscando entender todas essas questões.

A memória é sempre seletiva, e como fonte oral, está carregada pelo contexto em que foi vivida e narrada, sofrendo a influência do tempo e do espaço.

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. (ROUSSO, 2006, p. 94).

Halbwachs (1877-1945) foi um sociólogo francês da corrente durkheimiana, que sofreu também forte influência de Bergson, e focou seu estudo na memória coletiva, que é construída e compartilhada por uma sociedade.

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Reconhecendo que não existe apenas uma memória coletiva, podemos constatar que, mesmo uma memória sendo amplamente aceita em uma sociedade, ela não pode ser considerada oficial, tendo em vista ela não ser única. Esse raciocínio nos leva a concluir que podem surgir disputas de memórias sobre um dado fato ou acontecimento, na medida que memórias silenciadas ou marginalizadas comecem a surgir nas pautas das discussões históricas.

Os historiadores do imediato ou do presente, têm ao seu alcance a oportunidade de recolher e utilizar fontes orais para a construção de seu trabalho. Nesse estudo, entrevistamos em 13 de junho de 2015 quatro irmãs netas de pomeranos, que ainda preservam a língua e alguns costumes de seus ancestrais. Tratam-se de mulheres naturais do interior de Afonso Claudio, da localidade de Lagoa Serra Pelada: Flora Malihouski Bodraske (73 anos); Helena Malihouski de Souza (78 anos); Frida Malihouski Ilka (74 anos); Elza Malihouski Vieira (75 anos). Todas ainda residem em Lagoa Serra Pelada, exceto Flora, que mudou-se há cinco anos para Vitória.

A memória enquanto depoimentos e testemunhos orais é um privilégio do historiador do presente, que deve saber confrontar, analisar e filtrar as memórias recolhidas. É preciso ter a compreensão que tanto as fontes orais quanto as escritas e documentais, são construídas, e cabe ao historiador analisar o que há de representativo em sua fonte, que segundo Chartier (1990), aquilo que se é dado a ler.

Averiguamos que a potencialidade da história oral, como metodologia de pesquisa, está na análise da construção dos testemunhos, que por vezes podem ser fantasiosos, distorcidos ou próximos à originalidade dos fatos. Não cabe julgamento, o importante é entender a riqueza dos processos da construção da história oral, sendo tarefa do historiador analisar a percepção social e política da constituição dos relatos. Afinal, não cabe ao historiador extrair verdades do relato oral, mas entender suas representações.

Atualmente, devido à importância dada por alguns historiadores à história do tempo presente, as fontes orais passaram a ser uma metodologia estruturada dentro da pesquisa histórica. Paul Thompson, autor da obra *A Voz do Passado*, um clássico por sua importante contribuição ao método e à teoria da história oral, compreende que esta tem uma forte mensagem social que deve ser avaliada, e concorda que a volta à história oral que ocorre na atualidade está ligada, entre outras coisas, ao desenvolvimento da tecnologia e da comunicação audiovisual.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

O depoente relata o passado como testemunha do vivido, levando-se em consideração que se trata da lembrança de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, político e econômico. A realidade contextual do entrevistado será latente em sua declaração; nunca será imparcial, haverá a seleção de acontecimentos e fatos que são representativos para esse indivíduo, e surgirá carregada de subjetividade, o que nos remete a considerar a seguinte colocação de Joutard (2006, p. 57):

Porém, reconhecer tal subjetividade não significa abandonar as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Podemos dizer, sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico.

Precisa-se entender que história oral não é uma técnica de coleta e armazenamento de depoimentos, ela deve ser analisada, levando-se em conta a apropriação do meio pelo indivíduo, observando suas incertezas, inseguranças e hesitações demonstradas na hora da entrevista. A história oral é feita pelo recolhimento de lembranças, e o historiador deve estar alerta ao fato de que o sujeito não revive o passado, ele refaz o passado, ele remodela suas lembranças, refazendo-as pelos valores do presente.

A história oral baseia-se na memória, e como afirma Nora (1993), é imprecisa, pois se adapta às crenças e ao imaginário dos indivíduos. Por isso, é papel do historiador confrontar as fontes orais a outros tipos de fontes, atentando para o fato de que elas não devem ser usadas como um complemento, mas analisadas como uma fonte de estudo histórico, uma vez que apresentam fatos e transformações da sociedade. Portanto, as fontes orais e escritas devem complementar-se. Quando há visões diferentes sobre um determinado acontecimento, o historiador deve debruçar-se em diversas fontes de pesquisa, a fim de investigar profundamente os fatos.

Breve histórico da Pomerânia

Os pomeranos estão entre os imigrantes que chegaram ao Brasil a partir dos meados do século XIX, e para entender sua trajetória, é preciso recorrer a história de sua região.

O território germânico na verdade era formado por vários estados, entre eles a Pomerânia (Terra perto do mar). A Pomerânia banhada pelo Mar Báltico, ficava entre a Polônia e a Alemanha, no extremo norte da Europa. Segundo Manske (2015, p. 17), devido sua localização estratégica, saída para o Mar Báltico, a Pomerânia foi alvo de inúmeras disputas territoriais a partir do século X: Séculos X e XI – Dinamarca e Polônia disputam a região da Pomerânia; Século XII – a região ocidental da Pomerânia foi alvo de 22

guerras contra os dinamarqueses (pelo Mar Báltico) e contra os poloneses (pelo sul); Século XIV – sofreram como grande parte da Europa, a peste negra (morte de 1/3 da Pomerânia); Século XVII – Suecos e poloneses invadem a Pomerânia.

A história da região é rica e variada, por ter permanecido sob o domínio de diferentes potências ao longo dos séculos. De 1186 a 1806 esteve principalmente sob o domínio do Sacro Império Romano-Germânico. Depois do fim do Sacro Império Romano-Germânico após derrotas frente a Napoleão Bonaparte em 1806, a Prússia tornou-se um país independente. Em 1817, a região transforma-se na Província Prussiana da Pomerânia.

A Prússia tornou-se um país independente até a fundação do Império Alemão em 1871, quando a Prússia voltou a ser um estado e seu soberano virou imperador da Alemanha. No século XIX, várias mudanças políticas, econômicas e sociais contribuíram significativamente para um grande contingente de desempregados na Pomerânia.

Após o fim da segunda Guerra, em 1945, as delimitações territoriais estabelecidas pela Conferência de Potsdam determinaram a divisão da Pomerânia em duas partes: Parte oriental: posse da Polônia; e Parte ocidental: incorporado ao território da Alemanha Oriental. Esse fato foi o marco oficial do fim da Pomerânia.

Destacamos que os pomeranos que imigraram para o Espírito Santo, vieram de uma região que atualmente pertence à Polônia. Hoje só existem descendentes de pomeranos no Brasil e nos Estados Unidos; e a maior quantidade se concentra no Espírito Santo.

A chegada dos pomeranos no Espírito Santo

No século XIX, motivados pelas guerras, fome, pestes, crises no campo e desemprego, os pomeranos migraram para o Brasil e se distribuíram em dois Estados: Espírito Santo e Santa Catarina, onde formaram colônias e procuraram manter vivas sua cultura e tradição. Posteriormente, devido migração interna, verificamos também a presença de descendentes pomeranos nos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rondônia.

Em 2009, o Espírito Santo comemorou 150 anos da chegada dos imigrantes pomeranos em terras capixabas. No longínquo dia 28 de junho de 1859, aportavam em Vitória 117 imigrantes saídos do porto de Hamburgo em 27 de abril daquele mesmo ano.

De Vitória, essas 27 famílias seguiram para a Colônia de Santa Leopoldina, em canoas, rumo aos lotes a elas destinados, de acordo com a política imigrantista do Império Brasileiro. Era a região que hoje equivale, em sua maior parte, ao município de Santa Maria de Jetibá.

Segundo Manske (2015), atualmente os municípios do Espírito Santo em que se estabelecem os descendentes de pomeranos de forma mais representativa são: Santa Maria do Jetibá; Santa Leopoldina; Domingos Martins; Santa Tereza; Itarana; Laranja da Terra; Afonso Claudio; Baixo Guandu; Colatina; Pancas; São Gabriel; Barra do São Francisco; Vila Valério; Vila Pavão.

Segundo Tressmann (1998), atualmente há em todo o Brasil cerca de 300 mil pomeranos. E é justamente no Espírito Santo que está a maior colônia pomerana do mundo, são cerca de 140 mil pessoas. O município de Santa Maria do Jetibá, na região serrana capixaba, é considerada a cidade mais pomerana do Brasil.

Quando os primeiros imigrantes chegaram no solo espiritosantense, em 1859, enfrentaram, como todos os demais imigrantes, a difícil tarefa dos desbravamento e o isolamento. O Espírito Santo tinha uma população escassa concentrada na região litorânea, era necessário, portanto, povoar o interior. Nesse contexto, os pomeranos foram “jogados” nas regiões montanhosas do Espírito Santo e recebiam a terra no meio do mato, em pequenos espaços, sem escola, sem um acompanhamento técnico ou cultural. Não tinham estradas, não tinham médicos ou suporte social. Mortes por malárias, picadas de cobras e outras doenças eram rotineiras.

Esse isolamento inicial no processo de estabelecimento dos imigrantes pomeranos, proporcionou a manutenção de sua cultura, em especial a língua, reforçando a manutenção da identidade de sua etnia. Porém, devemos destacar que na primeira metade do século XIX esse isolamento não existia mais e os descendentes de pomeranos passam a ser perseguidos no Brasil.

Segundo Manske (2015), o término da segunda Guerra, no ano de 1945, instituiu nova conjuntura mundial e nacional. Na Europa, as delimitações territoriais estabelecidas pela Conferência de Potsdam determinaram a divisão da Pomerânia em duas partes: Parte oriental: posse da Polônia; Parte ocidental: incorporado ao território da Alemanha Oriental. “Essa imposição transformou os descendentes de pomeranos estabelecidos no Brasil um povo apátrida (...)”. (Manske, 2015, p.61).

De acordo com Monteiro e Mello (2008), durante a Segunda Guerra Mundial, muitos pomeranos foram perseguidos no Brasil:

Confundidos com nazistas, os pomeranos foram duramente discriminados. Na Vila Pavão, suas propriedades foram invadidas, livros e documentos foram destruídos e as mulheres sofreram abusos. Os agressores eram conhecidos como “bate-paus”, uma espécie de milícia formada por civis e militares. Falar pomeranos representava naquele contexto ser um admirador de “Era impossível falar pomerano sem ser confundido com os admiradores de Hitler” (...). Uma dupla ignorância, uma vez que pomerano e alemão são línguas distintas. “O pomerano é de outro tronco lingüístico, mais próximo do inglês e do holandês”, esclarece o etnolingüista Ismael Tressman, autor de um Dicionário Português-Pomerano. (MONTEIRO & MELLO, 2008, p. 27)

Aspectos Econômico-Sócio-Culturais

No Século XIX, devido ao isolamento, houve destaque para a figura dos tropeiros, que comerciavam produtos vindos das cidades; e comerciantes “atravessadores”, que compravam a produção agrícola dos pomeranos e as revendia. No século XX começou a popularização das feiras agrícolas e o surgimento de comerciantes pomeranos.

Atualmente vemos a permanência da economia agrícola entre a população de descendentes pomeranos. A produção é feita em minifúndios; e o uso de agrotóxicos nas lavouras começou na década de 1980. Hoje as “cidades pomeranas” são grandes expoentes da agricultura no Espírito Santo, com destaque para a cafeicultura e olericultura. A avicultura para fins comerciais é notável, o que tornou o estado capixada, o

segundo maior produtor de ovos do país. Os pomeranos também produzem várias culturas para produção de subsistência.

Quanto aos aspectos culturais, a língua Pomerana merece atenção especial. Rölke (1996, p. 16), demonstra que a partir do ano de 1400, falava-se na Pomerânia o “Pommersch-Platt”, originada do BAIXO ALEMÃO, da Baixa Saxônia, era uma língua falada nas regiões banhadas pelo Mar Báltico e Mar do Norte que foi absorvida por toda a população e consideração oficial no desenvolvimento do comércio e da cultura. Já o alemão tem sua origem no ALTO ALEMÃO, língua falada nas regiões da Turíngia e Saxônia.

A língua pomerana é falada no Brasil pelos pomeranos em comunidades no Espírito Santo, Minas Gerais, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria dos falantes são bilíngues em Pomerano e Português. Segundo Tressmann (2005), na Alemanha o Pomerano é praticamente desconhecido, sendo falado somente no Brasil e Estados Unidos. É uma língua apenas oral, os descendentes de pomeranos que a falam, não sabem escreve-la. Isso tem se tornado uma preocupação quanto à manutenção dessa língua, e esforços do governo estadual capixaba e municipais tem se unida para introduzir nas escolas a preservação da língua oral e escrita, tendo sido editado recentemente um dicionário com os verbetes básicos do pomeranos.

A respeito da educação Pomerana é necessário mencionar que o isolamento e o difícil acesso, deixou os pomeranos desprovidos de saúde pública e educação em meados do século XIX. O índice de analfabetismo era grande. Porém, no final do século XIX chegaram os primeiros pastores alemães vinculados a igreja luterana, que introduziram a língua alemã por meio da religião e da educação escolar. Foram instaladas escolas comunitárias particulares, aulas por 2 ou 3 dias da semana, e com preço acessível e em língua alemã. Assim, os pastores tornaram-se professores das crianças pomeranas. A igreja luterana virou um centro de socialização dos pomeranos, onde eles se reuniam para os cultos, festividades, celebrações.

Logo após a proclamação da República do Brasil, em 1889, foi promulgada a segunda constituição brasileira, em 1891, e apesar de estabelecer que os Estados eram os responsáveis pela educação, houve pouca mudança nas escolas pomeranas, devido ao pouco recurso do estado de instalar escolas suficientes para a população, e possuir poucos inspetores escolar para vistoriar. Portanto, os pomeranos conseguiram manter a língua mãe e o alemão, devido o isolamento e a escassa inspeção escolar.

Na Era Vargas houve a política de nacionalização da educação. Foi feita a padronização dos materiais didáticos e Imposição do português em todas as escolas. Isso contribuiu para que o analfabetismo crescesse entre os pomeranos. Muitos só entendiam a língua pomerana e alemã, e assistir aulas em português não fazia sentido para as crianças e os pais. A seguir alguns depoimentos:

As escolas são tudo em brasileiro, nada em alemão. Hoje os filhos da Comunidade estão estudando em escola brasileira, não aprendem o pomerano.(...) Eu estudei até quando eu passei para o 3º ano, mas abandonei, tinha que ajudar a mamãe em casa. (Helena Helena Malihouski de Souza);

Estudei até o 2º ano. Não sabia falar bom dia, boa tarde, nada. (Elza Malihouski Vieira, 2015)

Eu fugi da escola. Era mais de uma hora a pé. Chegava em casa almoçava e trabalhava até de noite na roça. (Flora Malihouski Bodraske)

Estudei até começar o 3º ano e abandonei. (Frida Malihouski Ilka)

Helena estudou junto com Frida, e comentou que a irmã só sabia chorar, ela não sabia falar em português.

As entrevistadas relatam que abandonaram a escola e só aprenderam a falar português quando cresceram e escutaram os outros falando. Hoje leem alguma coisa em português, mas não sabem escrever.

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), houve um contínuo controle do Estado sobre a educação e a padronização dos currículos e da língua portuguesa. Aumentou significativamente a evasão das escolas e o analfabetismo.

No entanto, com o restabelecimento de um governo com moldes democráticos a partir de 1985, e com a promulgação da Constituição de 1988, houve uma renovação nas leis educacionais e a valorização das características identitárias de cada cultura. A partir de então, procura-se uma valorização das tradições e cultura dos imigrantes.

Voltando ao assunto da busca da preservação da língua Pomerana, destacamos o Programa De Educação Escolar Pomerana – PROEPO. Desde 2005 o Proepo ensina pomerano a crianças e jovens de cinco municípios capixabas (Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Pancas, Domingos Martins e Vila Pavão). Para os da zona rural, acostumados somente à língua ancestral, o reforço é em português. As aulas são bilíngues, e tem objetivo valorizar e fortalecer a cultura e a língua oral e escrita pomerana.

Editado em 2006 pela Secretaria de Estado de Educação-ES, o Dicionário é um dos resultados práticos de estudos etnolinguísticos do Pomerano pelo Professor Doutor Ismael Tressmann, iniciado em 1995, contém cerca de 16 mil verbetes em ordem alfabética, abrangendo o vocabulário geral.

Compreendemos que há deficiência no programa, nem todas as escolas possuem o ensino do pomerano, devido à dificuldade de encontrar e capacitar professores bilíngues. O dicionário também possui suas limitações linguísticas. No entanto, não podemos negar o esforço dos governos municipais e estadual em tentar não deixar morrer a língua Pomerana.

Quanto a religião dos pomeranos, a igreja luterana, instalada nas comunidades pomeranas no final do século XIX, se tornou um fator de união e desde então a igreja tem um papel importante no meio desses imigrantes. Através das escolas e dos cultos introduziu e a língua alemã, por meio das produções escritas utilizadas nos cultos luteranos, bem como, dos materiais didáticos utilizados nas escolas comunitárias particulares. Até pouco tempo, os cultos eram ministrados em alemão, atualmente, devido o desinteresse dos mais jovens em aprender a língua, o culto da igrejas luteranas em comunidades pomeranas é celebrado em português, somente em ocasiões especiais, há celebração em alemão. Conforme depoimento de Flora Malihouski: “Antigamente fazia o culto em alemão, agora mais não. O pessoal não entende mais em alemão, os jovens.”

Embora prevaleça a religião luterana, alguns pomeranos são católicos, como o caso de Helena Malihouski de Souza (78 anos) e Elza Malihouski Vieira (75 anos), que em entrevista concedida em 13 de junho de 2015, afirmaram que se casaram com brasileiros católicos e enquanto seus maridos foram vivos seguiram a religião católica, porém, após ficarem viúvas, retornaram a igreja luterana.

Os pomeranos em sua maioria são supersticiosos, Muitos atribuem feitiçarias ou magias ao surgimento e

manutenção de doenças, por isso, não é incomum encontrar entre os pomeranos rituais de rezas, benzeções, simpatias.

A vinculação entre magia e religião também é observada em três etapas importantes da vida do pomerano e de seu descendente, no nascimento, casamento e morte. No nascimento e nos primeiros dias de vida do pomerano e de seu descendente, o pastor e a benzedeira se fazem presentes como forma de preservação da vida por meio da crença. Já nos casamentos, a religiosidade e as rezas se constituem nos preparativos do casamento, no convite e nos três dias de festa, por meio de quebra louças e do evento da igreja. A morte, por sua vez, é acompanhada de rezas, superstições e da presença da igreja luterana. (MANSKE, 2015, p.186)

O casamento pomerano é uma grande manifestação cultural, onde superstição, simbolismo e igreja se misturam. No século XIX e início do século XX, havia uma tradição a ser seguida: o convite em versos era feito pelo irmão solteiro da noiva, que visitava toda a vizinhança com bicicleta enfeitada; havia o ritual do quebra-louças (um dia antes do casamento), para espantar a má sorte; comiam galinha (que segundo eles, ciscava pra trás as coisas ruins); Eram 03 dias de festa, com muita comida, música de concertina e sanfona, danças e enfeites. Outra singularidade na tradição do casamento era o vestido da noiva ser preto.

Há várias explicações para o vestido preto da noiva: seria um simbolismo da morte social; o luto por ter que abandonar os pais; ou ainda a manifestação de revolta por, antigamente, ter que ceder a noite de núpcias ao senhor feudal.

O preto simboliza a morte social, a separação da noiva da sua família, pois, diante da regra de residência patrilocal, quem se desloca de sua rede de parentesco é a mulher. A morte, separação, é seguida de transformações e da aquisição de um novo papel social. (BAHIA, 2011, p.245-246)

Na atualidade, o casamento pomerano sofre as influências externas, e por isso percebemos permanências e ausências: o convite passou a ser impresso, mais ainda entregue por membros da família nas residências dos amigos; espalham cartazes na região anunciando o evento; o vestido da noiva é branco. Manteve-se, no entanto, o ritual do quebra-louças (um dia antes do casamento: sexta-feira), de Comer galinhas; a festa com muita comida, música, danças e enfeites.

Interessante notar que os pomeranos e seus descendentes tem uma ligação forte com rituais de nascimento e mortes. Para eles o nascimento é um comemoração e o batismo prioridade na vida do recém-nascido, que logo deve ser encaminhado a Igreja Luterana.

Os pomeranos acompanham a morte com os rituais fúnebres, mas o que chama atenção é a conservação dos túmulos e cemitérios, e as frequentes visitas. Aliás eles tem o costume de prepararem seus túmulos antes da morte, e a família zela por sua constante limpeza e manutenção. As quatro pomeranas entrevistadas nessa pesquisa falam com orgulho do cemitério de sua comunidade, de ser cimentado, limpo e bonito. Elza Malihouski Vieira, ao ser entrevistada, declarou que seu túmulo está pronto há mais de 15 anos, e as demais já possuem também seu jazigo.

Segundo Bahia (2011), para o pomerano o cemitério é um lugar considerado sagrado, e parte dos túmulos são escritos em alemão, língua considerada sagrada, por ter sido utilizada pela igreja no início da imigração até poucos anos.

[...] Pintam de cal suas sepulturas, enfeitam com muitas flores e galhos de pinheiro, capinam o terreno ao seu redor, e conservam aquilo que consideram um monumento, isto é, um patrimônio cultural, pois trata-se de um local, por excelência, de construção da história do grupo e de sua origem mítica, sendo tomado como referência para se refazer a história da imigração dos pomeranos no Brasil e seus laços de parentesco. A importância da visita ao cemitério não se restringe ao dia de finados. (BAHIA, 2011, p.306)

Os pomeranos enfrentam grande desafio na manutenção de sua língua e tradições, as novas gerações tem sofrido forte influência externa, em especial, o acesso da tecnologia e a diversidade de informações culturais recebidas. Em seus depoimentos, Flora Malihouski Bodraske e Frida Malihouski Ilka comentaram que seus filhos falam pomerano, mas seus netos não falam a língua. Mencionaram que o computador e a televisão atrapalham muito.

“O pluralismo é um dos desafios na manutenção da identidade pomerana, uma vez que o grupo recebe influência não apenas no contexto local. A atualidade trouxe como opção a construção da identidade permeando conhecimentos amplos estabelecidos na sociedade global. Essa realidade atinge, de forma especial, os jovens que descendem dos pomeranos que moram nas cidades e que têm facilidade de assimilar a pluralidade apresentada pela globalização. Mas a globalização não se restringe aos centros urbanos, contudo existe maior resistência às rápidas mudanças propostas pela ação global no interior.” (MANSKE, 2015, p.78)

Considerações Finais

Os pomeranos tiveram uma sofrida trajetória de imigração e permanência no solo capixaba. Mesmo com um relativo abandono do Estado, conseguiram se manter nas serras capixabas e contribuíram para a fundação de muitas cidades. Atualmente tem papel significativo nas economias agrícola e avícola capixaba.

Ainda hoje, muitos descendentes dos pomeranos falam fluentemente a língua mãe. Embora na nova geração muitos não dominem o idioma. É visível como a globalização e a influência externa tem interferido na manutenção de algumas tradições. O Espírito Santo possui a maior concentração de pomeranos no mundo, e cabe ao governo capixaba desenvolver programas efetivos de incentivo a manutenção da identidade e da cultura desse povo, que fez e faz parte da construção do nosso Estado.

Referências

ALVES, Fred Pereira. **Uma memória dos pomeranos sob as lentes de Ervin Kerckhoff: produção, guarda e circulação de imagens / Fred Pereira Alves**. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro. 2014, 103 f.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

BAHIA, Joana. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.43-62.

MANSKE, Cione Marta Raasch. **Pomeranos no Espírito Santo: história de fé, educação e identidade**. Vila Velha, ES: Gráfica e Editora GSA, 2015.

MONTEIRO, Filipe & MELLO, Igor. A Pomerânia é aqui: Cultura perdida na Europa sobrevive em terras capixabas. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 5, setembro 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PATARRA, Neide L. **O Brasil: país de imigração?**. *Revista e-metropolis*. nº 9, ano 3, junho de 2012, p. 6-18.

ROCHA, Gilda. **Imigração Estrangeira no Espírito Santo: 1847-1896**. Vitória: [s.n.], 2000.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos raízes. Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânea**. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.93-101.

SALETTTO, Nara. Os imigrantes estrangeiros. In: **Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)**. Vitória: Edufes, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRESSMANN, I. **Bilingüismo no Brasil: o caso da comunidade pomerana de Laranja da Terra**. Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.

Arquivo on line

<<http://www.santanoticia.com.br/onde-visitar-em-santa-maria-de-jetiba/>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

<<http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/Eventos/185/livro-sobre-a-colonizacao-pomerana-sera-lancado-nos-proximos-dias.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

<<http://vilanoticias.com/publicacao-conta-a-historia-dos-pomeranos-da-regiao-serrana-do-espírito-santo/>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

<<http://photos.com.br/pomeranos-capixabas/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/a-pomerania-e-aqui>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

Entrevistas

Elza Malihouski Vieira (75 anos). Lagoa Serra Pelada, Afonso Claudio, 13 de junho de 2015.

Flora Malihouski Bodraske (73 anos). Vitória/ES, 13 de junho de 2015.

Frida Malihouski Ilka (74 anos). Lagoa Serra Pelada, Afonso Claudio, 13 de junho de 2015.

Helena Malihouski de Souza (78 anos). Lagoa Serra Pelada, Afonso Claudio, 13 de junho de 2015.